



Pequeno mapa do Carnaval Comfuzão em Olinda¹

Milene Migliano Gonzaga²

Associação Filmes de Quintal

Resumo

O texto busca um mapa de situações comunicativas produzidas a partir do encontro com um coletivo de intervenção urbana em Olinda, o qual tinha como objetivo produzir um carnaval diferente do que acontece anualmente na cidade. Buscaremos tatear os regimes de visibilidade acionados na rua e na internet e discorrer sobre as relações entre as ações do coletivo e os processos de espetacularização das cidades, os conceitos de micro-resistência urbana e a produção de redes de sentidos, resultando na conformação de um território não-alienado.

Palavras-chave

Experiência, intervenção urbana, mapas, território não alienado.

Corpo do trabalho

O pequeno mapa que nos propusemos a realizar aqui está intimamente ligado às experiências compartilhadas com os produtores das intervenções urbanas, seja nas vivências nas cidades, ou no contato mediatizado pelo computador e internet, nas mensagens trocadas ou sobre registros das práticas culturais. Intentamos cartografar as práticas de intervenção urbana realizadas em Olinda e Recife, Pernambuco, por meio do caderno de campo, registros fotográficos, conversas e relatos das vivências compartilhadas e também fazendo uso das mensagens trocadas e registros encontrados na internet em flickrs³, youtube⁴, fotologs⁵, facebook⁶ e outros sites⁷, como os de

¹ Trabalho apresentado no DT6- Interfaces comunicacionais no NP Comunicação e Culturas Urbanas no do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea – UFMG, Associação Filmes de Quintal; milenemigliano2@gmail.com.

³ Álbuns que possibilitam conectar com os outros usuários e tem limite de 200 imagens postadas, sem realização de qualquer pagamento.

⁴ Plataforma de postagem gratuita de vídeos.

⁵ Diários fotográficos online, sobre plataformas pré-desenhadas.

⁶ Plataforma gratuita de articulação de redes sociais, no <http://www.facebook.com>.

⁷ Endereços na internet que se configuram como páginas conectadas.



notícia e portais. Desse modo, faremos uso do procedimento deriva cartográfica⁸, que por meio do trajeto percorrido, registrado e analisado, objetiva produzir mapas que operem como dispositivos de memória, que ao serem acessados por seus leitores, são capazes de produzir outros sentidos e posicionamentos críticos.

O coletivo se intitula Carnaval Comfusão e teve uma proposta de ações de grafiteagem, ensaio de maracatu, rap, projeção de filmes, performances de bboys e muita solidariedade acontecendo na Rua da Boa Hora a partir de dois meses antes do carnaval; o coletivo de intervenção agregou pessoas próximas e que já estão juntas em outras ações, como a Rede de Resistência Solidária⁹ de Pernambuco.



logo produzida pelo coletivo

Os produtores dos sentidos que foram acompanhados, registrados em ação e em alguma medida apropriados pelo texto habitam Olinda e Recife, e se conhecem há ao menos sete anos. Fazem parte da rede de resistência solidária, uma rede que articula diversos coletivos de mobilização cultural e social na grande Recife, já tendo realizado alguns mutirão de graffiti's em diversos lugares da cidade e também em algumas comunidades do Rio de Janeiro, como mapeado em vídeos do youtube em <http://www.youtube.com/watch?v=niSFsliFHXY>, e em outros tantos que nos foram apresentados ou encontrados em derivas na internet. Os mutirões são encontros de grafiteiros que começam de manhã e tomam a rua enquanto houver iluminação para continuarem desenhando pelo bairro inteiro, sempre com autorização dos moradores. Nossos informantes compõem coletivos de intervenção urbana e atuam em projetos de democratização da cultura, reabilitação de jovens, educação diferenciada. Eles me aceitaram como pesquisadora desde que participasse ativamente das ações realizadas enquanto eu estivesse em Olinda ou Recife.

O encontro com o mapeamento dos acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica sobre a juventude urbana, relação com cultura e novas práticas políticas, em Borelli e Oliveira (2010) nos chamou atenção mais uma vez para a potência da tecnologia na sociabilidade e em outros usos políticos pela juventude - criando espaços de compartilhamento de experiências, eventos, ações, registros produzidos e redes de

⁸ Deriva cartográfica urbana é o procedimento metodológico desenvolvido pelo grupo de pesquisa Cartografias Urbanas, coordenado pela profa Regina Helena Alves da Silva, UFMG, que participamos desde janeiro de 2005 até a conclusão de meu mestrado, em junho de 2009.

⁹ Rede de Resistência solidária é uma rede composta coletivos culturais de Recife e que teve atuação principalmente na periferia da região metropolitana, até 2009. <http://rrsinforma.blogspot.com/>



memórias. Na noite seguinte ao primeiro encontro, as pessoas atuantes no Carnaval Comfuzão já estavam me adicionando no facebook e compartilhando comigo seus sites, blogs¹⁰, flickrs, páginas de Orkut¹¹, imagens em vídeo no youtube. Percebendo que a investigação mais do que precisava levar em consideração as relações estabelecidas neste outro espaço, o da internet, vamos buscar trilhar esse caminho das redes de sentido e compartilhamento de experiências das intervenções urbanas. A apresentação de cada um dos interventores urbanos virá associada do primeiro mapeamento realizado na internet, logo depois de termos sido apresentados formalmente.

Lugar de graffiti é na rua...

Em janeiro de 2011 estava no Beco do Bajado, em Olinda, PE, grafitando com uma amiga um pedaço da escadaria. O Beco do Bajado tem várias de suas paredes grafitadas e eu mesma já havia encontrado com Glauber Monteiro, ou Arbos, grafitando na lateral da Rua do Amparo.¹²



Arbos grafitando em 13/11/2010 na Rua do Amparo, Olinda, PE

Em frente a alguns desenhos novos, começamos a pintura e eis que chega Caju, do NaPaz Crew (<http://artreflex.blogspot.com/2011/03/napaz-crew.html> e perfil Caju NaPaz Crew), se apresentando e nos chamando para grafitarmos no sábado, quando aconteceria uma das primeiras ações do Carnaval Comfuzão - mutirão de graffiti com batucada, almoço comunitário e troca de idéias, do lado de casa, na Rua da Boa Hora; Caju, Serjão e Berinha (perfil Bera e Surge no facebook) eram meus mais novos

¹⁰ Diários online, sobre plataformas pré-desenhadas.

¹¹ Plataforma de articulação de redes sociais que antecedeu o facebook, de domínio da Google.

¹² Neste dia, perguntei a ele se tinha algum blog, ou email para enviar a foto depois, mas ele disse que era difícil esse contato via internet com ele, que já havia tido um fotolog, mas não existia mais. Hoje ele mantém seu facebook com algumas fotos de trabalhos.



vizinhos, haviam se mudado na semana anterior e estavam querendo colorir e movimentar as ruas de Olinda, com ações de grafiteagem e solidariedade até e durante o carnaval. Em contraposição ao pensamento de alguns moradores que acreditam que devem deixar Olinda para a realização do espetáculo do carnaval para os gringos e paulistas, o coletivo resolveu produzir pequenas ações desde janeiro para ir colorindo e embecendo a cidade de outras perspectivas acerca do compartilhamento dos espaços urbanos. Conscientização ambiental, respeito pela diversidade e solidariedade fazem parte dos pensamentos que embasam as proposições do Carnaval Comfuzão.

No sábado combinado chego na esquina da rua e encontro com 5 grafiteiros, que os estilos e assinaturas já havia conhecido em outros momentos pela cidade, que estavam se preparando para mandar tinta na parede. Caju, Arbos, Galo de Souza (<http://www.galodesouza.blogspot.com/>) que eu conhecia das ruas e da Galeria Plural de Recife, Carbonello, do ManguCrew Resistência, que eu havia conhecido em mutirão de graffiti na Dona Cila do Coco em outubro de 2010, (<http://mangucrewpe.blogspot.com/>), Derlon Almeida (<http://derlonalmeida.blogspot.com/>) que eu havia conhecido via graffiti desde a primeira vez que estive em Recife, já que faz referências explícitas a literatura de cordel em seus desenhos. O muro que seria pintado é a lateral de uma casa grande, de frente pra lateral da Igreja da Boa Hora, mas Carbonello, diferente dos outros que passaram um tempo analisando onde iam intervir, está como assistente de câmera de uma equipe de filmagem de um documentário sobre o graffiti em Pernambuco.

Cada um deles vai marcando o lugar que vai desenhar com a própria mochila ao pé do muro. Galo é o primeiro a mandar látex preto na parede, e com mais duas manchas, pergunta a Derlon se já havia sacado o que ele desenharia: um barco, um homem e um tubarão. A resposta vem com o rolinho embecido em preto também e com a decisão de Derlon de que faria algo que dialogasse com o personagem de Galo. Arbos escolhe uma parte do muro um pouco mais afastada, passa uma primeira mão de látex branco com rolo menor e começa a trabalhar em seu desenho com pincéis menores. Caju está sendo entrevistado ao mesmo tempo em que traça com um spray amarelo seu desenho.



Na foto da esquerda, Caju mandando sem passar base de látex, na outra, Derlon à esquerda e Galo, graffitis conectados, Olinda, 15/01/11.

A mensagem de que o almoço está pronto faz alguns grafiteiros deixarem a parede para pegar um pouco do arroz, peixe e salada que está sendo servido na casa da Boa Hora. Caju chega com um prato e me oferece – aceito - senta ao lado da igreja e fica olhando para o trabalho que está fazendo. Chegam Serjão e Berinha, para ocupar o muro também. Serjão precisa de mais uma escada e ofereço a de casa para contribuir e nós vamos lá buscar. Berinha escolhe um pedaço do muro depois de Arbos e eu escolho ficar ao lado dela, já que já estava sendo cobrada a minha participação mandando. Ao começar, Berinha me sugere que eu passe látex para fazer o desenho, ao contrário a parede chupa muita tinta do spray. Para conseguir fazer o traço fino, começo a tirar a pressão da lata e Caju chega me perguntando o que estou fazendo; ao explicar o objetivo, ele me mostra um outro modo de fazer: colocando um pedaço de plástico entre o bico do spray e a lata. Quando olho pra cima Sérjão já está quase terminando a base de seu desenho, no topo da parede.

O bico que estava usando para tentar desenhar com traços finos falha e Caju saiu por algum motivo. Peço a ajuda de Galo, e ele me diz que diferentemente de São Paulo, onde tem muito grafiteiro que compra bico pronto, em Recife e Olinda eles tem que improvisar. Abre um recipiente de plástico cheio de apetrechos que facilitam os efeitos que ele consegue na manipulação das tintas na parede. Ele corta um pedaço de fio de telefone e encaixa na saída do meu bico de spray – testa, me pede pra testar e me entrega a lata.



Na imagem, os apetrechos de Galo: fios de telefone, bicos de diferentes qualidades, estilete, tesoura, luva e estojo.

Durante o trabalho percebo que todos ficam silenciosos, escutando suas músicas em fones de ouvido, se afastando alguns passos para ver melhor a imagem que está sendo produzida, testando a grossura dos traços e reelaborando a mesma. Caju, Serjão e Galo usam luvas. De vez em quando um ou outro comentário sobre outro dia de grafiteagem, uma piada sobre o modo de trabalhar de alguém, um telefone que toca. Caju usa um molde de papelão para fazer a estampa da camiseta do seu personagem, o cara de pau. Carbonello já abandonou a câmera e passa a fazer um desenho no alto também, um menino pendurado na janela. Berinha usa várias cores e escreve a frase “Olinda, quero cantar!”, marchinha conhecida para o carnaval na cidade.

No meio da tarde um morador conversa com Sérjão e eles acertam a grafiteagem do muro do outro lado da rua da Boa Hora para o dia seguinte. Muitas crianças estão assistindo o momento e questionando os desenhos em produção. Outro morador, de um quarteirão a frente chama Sérjão para ver com ele um outro muro para grafitar; Berinha o acompanha e já está acordado outra intervenção, provavelmente para um outro dia. Até escurecer outros grafiteiros e grafiteiras chegam, começam a produzir seus trabalhos; outros dizem que voltarão na semana que vem, que precisariam saber antes para trazer a mochila. Todos curtem a idéia do Carnaval Comfuzão que está tomando vida. A rua está muito movimentada: a saída da missa, os vizinhos que se encontram no bar da esquina, a movimentação de turistas e a confusão acontecendo, outras crianças observando os desenhos e um vizinho chega até mim procurando pelo líder.



Visão geral do muro, no primeiro plano Arbos desenha, depois Derlon, Galo, Serjão, Carbonello filma Caju ao fundo de boné. Na imagem à direita vemos Caju à esquerda, Carbonell na escada e Faca terminando seu graffiti.

Caju o atende, dizendo que estamos todos ali responsáveis pela ação, trabalhando coletivamente. Seu Petrônio explica que é arquiteto da cidade e que havia planejado a praça do Bonsucesso e a escultura do menino negro em homenagem a Zumbi dos Palmares. E que ele gostaria de propor uma pintura lá, no entorno da escultura com a galera que estava ali grafitando, com o apoio da prefeitura, claro, “quem sabe já que agora está chegando o carnaval, se a gente não consegue fazer um evento diferente”. Caju diz que poderemos conversar mas que já é certeza que todos vão querer participar. Até às 20h Regis trabalha fazendo a textura do muro – o fundo é feito depois que todos já grafitaram o dia todo. Depois do dia intenso de grafitagem o pessoal ainda se reuniu para assistir ao filme baixado na internet sobre Banksy: no quintal, cerca de 12 pessoas assistiam atentas no documentário como eram produzidas intervenções em outros lugares do mundo.

No dia seguinte outros grafiteiros aparecem, entre eles Bozó Bacamarte¹³, que também usa pincel para desenhar seus personagens em preto e branco, com muitas semelhanças dos desenhos produzidos via gravuras. Além de um domingo inteiro de diversos momentos de sociabilidade, aprendizados sobre graffiti, construção de laços e afetos entre as pessoas no território da esquina, gostaríamos apenas de marcar aqui nesse relato dois momentos que apontam possibilidades muito diferentes de compartilhar espaços urbanos.

Assim como vários vizinhos uma senhora pediu para que o muro dela fosse pintado, e Galo e Sérjão começaram a mandar um desenho na parede branca, e logo

¹³ Bozó também não tem seu lugar de registro próprio na internet, mas o mapeamento de seus graffitis pode ser feito por plataformas de compartilhamento de muitas outras pessoas, descrevendo inclusive sua forma de desenhar, como em http://www.flickr.com/photos/arte_urbana/4476593616/in/photostream/.

voltaram para terminar os trabalhos que estavam fazendo antes, para depois investir no muro da senhora. Mas logo vem um homem esbravejando de lá, perguntando quem ousou pixar o muro dele, que a mãe dele não mandava nada, que ele iria mostrar quem manda; entrou em casa e saiu de novo, dessa vez com as mãos mostrando a cintura com uma arma. Uma desnecessária manifestação do que o álcool pode fazer a um homem com pretensões de proprietário intolerante. Obviamente, preocupados com a presença das crianças e de todos que nos acompanhavam bem de perto desde cedo, fomos lá com os restos de látex e o pouco spray branco que ainda restava e apagamos tudo. Ao final o homem não sabia como o muro tinha ficado branco de novo e com um sorriso amarelado agradeceu o restabelecimento de seu espaço branco.



Na foto Galo e Serjão pintam de branco o desenho que haviam iniciado; Benjamin, filho de Galo brinca próximo ao pai.

O segundo relato imprescindível para visibilizarmos as relações entre o mutirão e a vizinhança durante esta tarde é um pouco mais breve mas resultou, diferente do apagamento de desenhos, em um convite para a produção específica de telas para serem colocadas em um shopping da capital pernambucana. O diretor de arte responsável pela decoração do shopping também era nosso vizinho e além de convidar todos para grafitar em seu muro, contratou o pessoal para a decoração especial de carnaval.

Ainda podemos nos lembrar, de uma turma de amigos que comemorava o seu encontro no bar da esquina e interagiu com as imagens já finalizadas, numa outra tarde, tirando retratos, traçando seus perfis em relação aos desenhos, mimetizando contatos como beijos e braços passados pelos ombros. Que mais de uma vez vi mais de uma senhora comentando sobre quando deveria ser o dia em que grafitaríamos a casa dela. E destacar como são muitos os contratos sociais que se estabelecem a partir do encontro dos cidadãos com as imagens grafitadas pelas cidades, resultando em um sem fim de possibilidades de experiências acionadas e vividas.

Desse modo, nosso pequeno mapa, no processo de produção das intervenções urbanas descritas, tateia como

“averiguar (...) os regimes de visibilidade (...) em que elas se inserem ou aos quais oferecem (leitor móvel e imóvel, os modos dessa mobilidade decodificadora, os atravessamentos dados nesse instante de leitura, os tempos e os níveis de atenção, as distâncias dadas entre o leitor e texto, a frontalidade desse olhar e outras interferências do trabalho decodificador).” (SILVEIRA; 2010, p.90)

em relação às experiências e aos sentidos afetivos que embebem os contratos sociais que compõem e definem as práticas culturais urbanas. O fim de semana no qual aconteceu o mutirão de graffiti, como uma das atividades do Carnaval Comfuzão, que nos proporcionou outros momentos de campo pela permanência da intervenção na rua, possibilitou investigar as práticas culturais em relação, sempre considerando

“A compreensão da cultura como forma particular de vida e de conflito, onde as negociações e disputas pela constituição das hegemonias e as práticas simbólicas de resistência e de contestação estão presentes também nos aspectos da vida cotidiana revelou(revelando) as maneiras como as classes sociais e grupos sempre recriam estas experiências coletivas - e não apenas as recebem e reproduzem.” (ALVES e BORELLI, 2010 p.2)



Na imagem à esquerda o muro grafitado no Sábado, na direita, grafitado domingo, com destaque para desenho de Bozó,16/01/2011.

Micro-resistências à espetacularização

Os processos de espetacularização que atuam amplamente na experiência urbana contemporânea também podem ser chamados de processos de “estetização, culturalização, patrimonialização, museificação, musealização, turistificação, gentrificação, privatização, disneylandização, shoppinização, cenograficalização, etc.”



(JACQUES, 2009). Eles podem ser encontrados nos planos urbanísticos sobre diversas dessas alcunhas e experienciados em Barcelona, no Pelourinho em Salvador, na Praça da Estação em Belo Horizonte, no Centro de São Paulo. São processos que buscam produzir uma marca da cidade para ser comercializada no mercado do turismo e dos grandes investimentos e que tem como base algumas características fundamentais homogeneizadoras que, quando aplicadas nos territórios das diferentes cidades, passam como tratores sobre a diversidade da dinâmica da rua. Os espaços urbanos tem que ser livres de pixações e gritos descontentes com os governantes em passeatas, de moradores de rua, de vendedores de rua com seus pregões que territorializam seus lugares de origem, quando migrantes, livres do tráfego intenso, mesmo que isso não signifique nos planos estratégicos a melhoria do transporte público. Livre de favelas e ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

Acreditamos que quando um coletivo de intervenção urbana de uma cidade decide inventar um carnaval diferente, em um lugar que sofre todo ano os processos de espetacularização que a festa provoca durante dois meses, tal coletivo está produzindo uma ação de resistência cultural e política ao espetáculo. Entendemos, na verdade que as diversas ações que o coletivo desenvolveu durante o Carnaval Comfuzão formaram outros sentidos, mesmo que mínimos, mas atuantes como micro-resistências a ordem vigente na cidade. Transformar algumas paredes do sítio histórico em painéis com desenhos que anunciam relações de companheirismo, amor, luta e respeito é, afinal, uma boa forma de receber os turistas que alugaram as cerca de 45 casas disponíveis¹⁴ para os pacotes.

Os encontros pela internet são como as mesmas ações de micro-resistência, constituídas por pequenos sinais, textos, situações de compartilhamento mínimas de imagens, textos, músicas, mas que são suficientes para manter tecida a rede costurada pelos momentos compartilhados em contexto urbano. Quando as experiências urbanas se constituem em ações criativas, que promovem encontros inusitados e intervenções concretas nas ruas, disponíveis para todos que presenciaram a sua produção e que de comum acordo anterior compreendem a importância do uso e apropriações dos espaços públicos, os vínculos se articulam com tal vivacidade que pequenos estímulos motivam a sua lembrança e uma nova narrativa. Ao menos é o que podemos constatar, no que

¹⁴ Mapeamos em janeiro e fevereiro de 2011, 45 casas com placas de aluga-se por conta do carnaval. <http://www.flickr.com/photos/milenemigliano/sets/72157625500684237/>



diz respeito às nossas relações com os interventores do Carnaval Comfuzão e investigações que vem sendo feitas desde janeiro no facebook e em outros ambientes já citados onde encontramos muitas outras conexões entre eles também – após o carnaval a casa que estava alugada para temporada não pode ser locada e um pouco daquela articulação territorial específica foi levada para outros lugares.

Enfim, acreditamos na potência das ações de micro-resistências urbanas que se instauram nas relações mediadas pela leitura e escrita dos textos disponíveis na cidade, no território específico e se assim não for possível, em memória e em internet. Essas situações comunicativas podem ser mapeadas como diálogos públicos¹⁵, os quais engendram debates que associam as experiências vividas no espaço e suas contestações contra-hegemônicas, questionando os “projetos de renovação urbana que ampliam as desigualdades sociais” (RIBEIRO, 2005; 267), as atitudes intolerantes e outros modos de se viver melhor nos espaços urbanos.

Na esquina da Rua da Boa Hora com a Rua Coronel Joaquim Cavalcanti, no Varadouro, início da cidade histórica de Olinda, as práticas culturais que, para além de toda a experiência de ter vivido sua produção, se tornaram situações comunicativas para todos que por ali passam contribuem para a constituição de territórios não-alienados (RIBEIRO, 2005), pois interrompem os fluxos desejados pelos processos de espetacularização, como os que transformam o sítio histórico em cidade cenográfica, pintada com as cores da tinta do momento, sem preservar as vivências e marcas dos habitantes da cidade. Desse modo, as intervenções urbanas que podem ser consideradas produzidas em um acontecimento estético-cultural na forma de ação das micro-resistências urbanas tem a potência de gerar diálogos públicos capazes de re-inventar um território não-alienado no espaço urbano. Entendemos que o território não-alienado é delimitado quando há a composição de sentidos associados ao espaço a partir de subjetividades individuais e coletivas, promovendo a transformação social e indo contra a violência do pensamento hegemônico que prioriza a participação de menos outros possíveis, a cada ação desencadeada a favor de qualquer um dos diversos processos de espetacularização urbana. Sigamos por meio da luta política visibilizada pelas micro-resistências na cidade, ações de uso, apropriação e negociação cotidiana.

¹⁵ Categoria de análise definida em nossa dissertação que considera as redes de sentidos formadas pela leitura e escrita da cidade produz lugares de debate sobre o que há de compartilhado com cada cidadão.



Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BORELLI, Sílvia Helena e OLIVEIRA, Rita Alves. **Jovens Urbanos, Cultura e Novas Práticas Políticas: Acontecimentos Estético-Culturais e Produção Acadêmica Brasileira (1960-2000)**. Anais do DT 6- Comunicação e Culturas Urbanas, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, Intercom 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Artigo publicado na sessão Arqtextos do portal Vitruvius, fevereiro de 2008, em http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arg093/arg093_02.asp

_____. **Espetacularização Urbana Contemporânea**. Cadernos do PPG//AUFAUFBA, número especial “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”. Salvador: Editora UFBA, 2004.

_____. **Notas sobre espaço público e imagens da cidade**. Artigo publicado na sessão Arqtextos do portal Vitruvius, julho de 2009, em <file:///Users/milenemigliano/Desktop/paola%20corpocidade%2041.html>

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Org. SALGUEIRO, Heliana Angotti. São Paulo: Edusp, 2001.

MIGLIANO, Milene. **Diálogos Públicos no Centro de Belo Horizonte: mapas de sentidos em comunicação urbana**. Dissertação defendida em maio de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG.

_____. **Uma proposta de mapa de diálogos públicos entre Belo Horizonte e Recife**. Anais do DT 6- Comunicação e Culturas Urbanas, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, Intercom 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Outros territórios, outras mapas**. En: OSAL: Observatório Social da América Latina, Ano 6, no. 16, (Junho 2005) Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. **Corpo e imagem, alguns enredamentos urbanos**. Cadernos do PPG//AUFAUFBA, número especial “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”. Salvador: Editora UFBA, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SILVA, Regina Helena Alves *et alii*. **Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço**. E-Compós (Brasília), v. 11, p. 1-17, 2008.

SILVEIRA, Fabrício. **O parque dos objetos mortos**. Porto Alegre: Armazem digital, 2010.